

MEU TIO LIBANOCATARINA  
Geraldo Hasse<sup>1</sup>

Me interessei por Salim Miguel em 2000, quando fui morar em Florianópolis e comecei a me aprofundar na história da ilha e seu entorno. No meio século anterior eu tinha lido *en passant* sobre o escritor, mas não havia registrado as informações na memória.

Lendo aqui e ali, descobri que Salim tinha uma biografia interessantíssima, a começar pela migração, em criança, do Líbano; a morada na pequena Biguaçu, um vilarejo de beira-rio, perto do mar; a ida para a capital do estado; a prisão em 1964; a migração para o Rio; e a volta para a querência, que é como os sulistas brasileiros, particularmente os gaúchos, chamam a terra natal.

Em 1999, havia sido lançado *Nur na Escuridão*, seu livro premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte como o melhor romance do ano. Comprei um exemplar e caí na leitura. Era um saboroso livro de memórias devorado em poucos dias.

O passo seguinte foi conhecer pessoalmente o escritor, entrevistá-lo. Descobri um ser humano de primeira qualidade. Humilde, irônico, sem afetação. Afável, bom de papo. Como na escrita, sua fala guardava ainda um último resquício de sotaque libanês: aquela ligeira trava que sinaliza a hesitação diante da palavra estrangeira.

A visita durou duas horas. Saí do apartamento dele e de Eglê, sua mulher, com dois ou três livros doados pelo próprio. Num sebo, dias depois, encontrei outros livros dele. Escrevi então um perfil de Salim Miguel para o caderno de fim-de-semana do diário *Gazeta Mercantil*. Foi publicado no caderno de 20, 21 e 22 de abril de 2001. Matéria longa, ocupou 2/3 de página standard de jornal. Título: “Mascate da Memória Familiar”. Ele gostou. Desde então nos falamos algumas vezes.

Morando no Rio Grande do Sul desde 2005, não perdi o contato com “meu tio libanocatarina”. Em 2008, escrevendo um livro sobre a história da navegação no Rio Grande do Sul, dei-me conta de que cabia incluir um capítulo sobre as balsas de toras que outrora desciam o rio Uruguai, nas enchentes. Lembrei-me então do conto Ponto de Balsa, no qual Salim Miguel narra a aventura de dois ou três balseiros que se metem na correnteza, pilotando uma jangada-monstro, desde Chapecó até Uruguaiana, centenas de quilômetros de uma aventura única. Esse conto é a versão literária de uma reportagem feita por Salim Miguel quando se iniciava no jornalismo. Sinal de que toda vivência, por mais antiga que seja, pode ser transformada em ficção.

Há pouco mais de um mês, Tio Salim me enviou seu último livro, *Reinvenção da Infância*, mais um livro de memórias calçado nas lembranças mais remotas de um guri vindo do Oriente. Com trechos deliciosos, como as 10 páginas do capítulo 23 – Lição Dois, em que o rapazote relata uma noite maldormida numa pensão fuleira da capital, onde perdera o último ônibus para sua pequena Biguaçu.

Tenho comigo uma dezena de livros de Salim Miguel e acredito que conheço o essencial da sua obra, mas não o suficiente para fazer uma análise comparativa. Como muitos e muitos escritores, ele começou como jornalista, dividiu-se entre empregos privados e públicos, foi livreiro, meteu-se no cinema e encerrou sua carreira profissional como chefe na editora da universidade federal de seu estado. Sua carreira literária, mais de 30 livros, foi construída nas horas vagas, com a ajuda e solidariedade de sua companheira Eglê Malheiros, mãe de seus cinco filhos. “Nunca ganhei nada com meus livros”, disse-me o autor, na entrevista de 2001. Dez anos depois, pode-se dizer que ele ganhou, sim, fama, sem falar do cheque recebido da jornada de literatura de Passo Fundo, onde foi aplaudido como um dos mais antigos e fieis militantes das letras do Brasil.

---

<sup>i</sup> Geraldo Hasse, jornalista. Formado em jornalismo (no ‘ano que não terminou’, cf. Zuenir Ventura), migra pelo país em busca de alegria, paz e prosperidade, três coisas que (descobriu) não andam juntas. Desde que foi repórter da Veja nos anos 1970, corre atrás de temas agrícolas e afins. Em todas as cidades em que viveu – Cachoeira do Sul, Pelotas, Curitiba, São Paulo, Ribeirão Preto, S. J. do Rio Preto, Vitória, Florianópolis, Osório –, viu as raízes destruídas pelo crescimento econômico. Quatro filhos, uma dezena de livros e muitas árvores depois, mora em Porto Alegre.